

Considerações sobre o Problema das Sêcas no Nordeste

ALCERY CAUDURO

PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO

SÃO por demais conhecidas as causas que concorrem para a atual instabilidade entre salário e custo de vida, bastando lembrar que ninguém ignora o sentido da palavra "tubarões" na economia nacional. Tanto mais, quanto é certo que, bem recentemente, estampavam os jornais que um partido político com a responsabilidade do PTB, declarara estar o Presidente da República impossibilitado de agir, com rapidez e eficácia, em favor do povo, porque entre este e Sua Excelência se interpunha uma cortina de ferro constituída pelo goelão voraz dos peixes temíveis. E' de ver que por causa desses famosos "tubarões" é que o Brasil, que dispõe de todos os recursos para ser uma grande potência, se nos apresenta com a configuração estarrecedora de um gigante que morre à fome crucificado sobre a fartura.

O indispensável é que se apresente com sincera convicção a verdade na sua nudez convincente e se diga, como o fez o barão de Capanema, que a administração pública e a politicagem são os principais responsáveis pelo atual estado de coisas. E isto, desde a primeira organização do Brasil até nossos dias.

Comunicações terrestres, marítimas e aéreas, telecomunicações, exploração das nossas riquezas naturais, quase tudo tem sido deixado, por erro de origem, à iniciativa particular. E quando o Estado toma a dianteira, como no caso dos telegrafos, dos telefones, da radiotelegrafia, da radio-difusão e da radiotelefonia, transfere pouco a pouco ao particular o seu direito, precedido o esbulho, quase sempre, de afirmações públicas e oficiais, como ocorre presentemente com as telecomunicações, de que o Governo é incapaz de manter um serviço eficiente, ferindo-se frontalmente os técnicos brasileiros, que os temos dos melhores. Sobre-vêm a formação de trustes em serviços que, pela sua natureza econômica e importância estratégica, como as telecomunicações e outros, deviam ser monopólio do Estado em todo o território nacional. Fazendo-se concessões muitas vezes contraproducentes e até mesmo impatrióticas, permite-se que se formem emprêsas particulares que rapidamente conseguem um poderio colossal e perigoso dentro de nossas fronteiras. Assim, em vez de res-

trições a certos empreendimentos particulares, auxilia-se a concorrência desleal do particular com o Estado, como ocorreu com a radiotelefonia, em serviços de utilidade pública da competência deste e por êle explorados com eficiência, graças aos técnicos nacionais, mesmo sabendo-se que muitas companhias, como já observara o barão de Capanema a respeito de nossas primeiras estradas de ferro, só prosperam indo nutrir-se no raquítico tesouro público, o qual, por sua vez, vem buscar sua seiva nas míseras reservas orgânicas deste pobre povo subnutrido e esfomeado, por meio de impostos asfixiantes.

A causa de nossos males é de origem, e temos que romper com um passado gigantesco de erros, se desejamos progredir dentro da ordem. Já em 1859 escrevia Handelman que a

"primeira organização do Brasil mostra-nos imediatamente, como num espelho, os mais importantes traços característicos do seu futuro desenvolvimento, as suas vantagens, assim como os seus defeitos, tais quais em parte perduram até à atualidade: a intolerância religiosa, a desconfiança, e daí a falta de liberalidade para com os estrangeiros; a tendência para o enfeixamento de imensos latifúndios nas mãos de um só, que não pode ter a esperança de tirar proveito deles, nem para si nem para a sua família, por muitas gerações, ao passo que, por outra parte, a grande massa tem de fazer servilizada, sem recursos nem proteção, sob o poderio do senhor das terras"... (1)

Acrescentou JOÃO RIBEIRO :

"Inaugurando a colonização do Brasil pelo sistema feudal das doações, também não fizeram os portugueses coisa diferente do que já haviam experimentado os colonizadores greco-fenícios da antiguidade. Os greco-fenícios tiveram colônias de duas sortes: as "Apoebias" que eram formadas e mantidas e defendidas por iniciativa de donatários e as "Kleruthias" que eram de todo submetidas e preservadas pelo Estado. Como lá, nós evoluímos da "Apoebia" para a "Kleruchia", do particularismo feudal para o absolutismo, da coroa." (2)

Para demonstrar a origem de nossos males atuais como decorrência do parasitismo social do elemento colonizador, Manoel Bomfim ponderou :

"Aparentemente, não há nada que justifique ou explique êsse atraso em que se vêm "(as nacionalidades sul-

(1) HENRIQUE HANDELMANN — *História do Brasil*, traduzida e publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1.º tomo, Imprensa Nacional, Rio — 1931, página 64.

(2) JOÃO RIBEIRO — *História do Brasil*, 2.ª edição, Livraria Francisco Alves, Rio — 1901, págs. 50 e 51.

americanas)", as dificuldades que têm encontrado no seu desenvolvimento. O meio é propício, e por isso mesmo, diante desta anomalia, o sociólogo não pode deixar de voltar-se para o passado a fim de buscar as causas dos males presentes. Há um fato a indicar bem expressamente que é nesse passado, nas condições de formação das nacionalidades sul-americanas, que reside a verdadeira causa das suas perturbações atuais: é que, por um lado, estas perturbações, estes males são absolutamente os mesmos — mais ou menos atenuados — em tôdas elas; e, por outro lado, estes povos tiveram a mesma origem, formaram-se nas mesmas condições, foram educados pelos mesmos processos, e, esses males, eles os vêm sofrendo desde o primeiro momento. Pois, se os antecedentes são comuns, se os sintomas são os mesmos, se estes se continuam com aqueles — é bem natural que nestes antecedentes esteja a verdadeira causa. Procedamos como procederá um sociólogo avisado; analisemos esse passado, e vejamos até que ponto por ele se explicam os vícios atuais, até que ponto tais vícios derivam da herança e educação recebida. Estudemos as condições sociais e políticas, o caráter e as tradições dos povos que formaram as nacionalidades sul-americanas; estudemos os processos que presidiam à constituição primeira destas sociedades. Acaso, estará aí a origem destes vícios — dos maus hábitos, que hoje tanto pesam sobre estes povos infelizes. Vejamos como se formaram os costumes políticos, reconhecidamente maus, de que somos implacavelmente acusados." (3)

E a propósito do "elemento invasor", do "problema da mão-de-obra", da "escravidão do silvícola", da "escravidão negra" e da nossa "formação política", Pandiá Calógeras, Caio Prado Júnior e tantos outros autores de valor incontestado, escreveram páginas magníficas, comprovando, todos, os mesmos erros na formação do Brasil.

Está claro que a organização feudal, o parasitismo social e a escravidão constituíram a trilogia maldita que condenou o Brasil ao suplício de Tântalo.

Chegamos a uma situação em que só os técnicos, com trabalhos honestos e fecundos, poderão reerguer o país, banidos os vícios decorrentes da trilogia.

Mas, em face do descalabro a que chegamos, será ouvida com o devido respeito a palavra do técnico? E' o que o Primeiro Congresso Brasileiro promovido pelo MASPNUUS terá que fazer valer. Porque vou provar que a palavra deles isoladamente, embora honesta, patriótica, de fecundos resultados práticos e mesmo partindo de autoridade da fibra e tenacidade do Dr. Guilherme Schüch, não é acatada, salvo quando não contraria qualquer interesse relacionado com aqueles vícios.

Em face desta justificação, será o presente trabalho dividido e explanado na conformidade do seguinte esquema:

O PROBLEMA DAS SÊCAS DO NORDESTE

Partes:

- 1.^a) Introdução;
- 2.^a) Desenvolvimento;
- 3.^a) Conclusões;

4.^a) Bibliografia;

5.^a) Índice.

Capítulos da 2.^a Parte:

- I — Barão de Capanema, um grande amigo do Ceará.
- II — A fome, problema nacional.
- III — Desprezo ao trabalho do técnico brasileiro.
- IV — Quadros medonhos.
- V — As sêcas, fonte de lucros inconfessáveis.
- VI — Resumo da última publicação do barão de Capanema sobre o Nordeste.
- VII — Íntegra de "A Sêca do Norte".

SEGUNDA PARTE

DESENVOLVIMENTO

CAPÍTULO I

O BARÃO DE CAPANEMA, UM GRANDE AMIGO DO CEARÁ

Que mais comoveu o barão de Capanema em quase toda a sua existência? Parece-me que os efeitos brutais das sêcas do Nordeste.

Na minha opinião, ao Telégrafo Nacional êle consagrou mais a inteligência que o sentimento; ao Ceará dedicou igualmente sentimento e inteligência.

Eu não ficaria, pois, satisfeito, se os nossos brilhantes companheiros do Ceará regressassem ao seu Estado sem terem apreciado em plenário do Primeiro Congresso Brasileiro dos Profissionais de Nível Universitário Superior, promovido pelo MASPNUUS, a última publicação do sábio mineiro, incorruptível e valoroso, de índole acessível e boa, sobre as sêcas do Nordeste.

Vou lembrar, de início, alguns quadros por êle presenciados e de que nunca se esqueceu, tão indelévelmente ficaram gravados na sua consciência. Moço ainda, estudante de engenharia, com apenas 22 anos de idade, foi testemunha na Europa de dois quadros tão fortes que aos 77 anos os pintava do seguinte modo:

"Pelo ano de 1846 manifestou-se uma sêca desastrosa, falhando colheitas; eu presenciei a agonia de uma mulher deitada ao lado da estrada, estrebuchando, lançando pela boca uma gosma espessa misturada com capim; meu companheiro me disse que nesse estado já não havia salvação possível. Mais adiante encontramos um homem morto."

Aqui no Brasil, 14 anos mais tarde, presenciou cenas no Ceará de que se recordou sentidamente em todo o resto de sua vida. A algumas delas referiu-se com compaixão e revolta, como se verifica a seguir:

"Quanto não sofrem as mães debilitadas com os filhinhos agarrados aos seios sem uma gota de leite! Desesperadas elas para se alimentarem arrancam raízes às vezes venenosas, esforço extremo para prolongar uma dolorosa agonia. E' quanto sofrem as vítimas da maldade e da torpe vileza de monstros com forma humana que escarnecem da mais atroz miséria e oferecem em troca da honra um punhado de farinha que o Governo manda em socorro dos infelizes! e não raro deteriorada!

A fotografia perpetua o aspecto dêsses desgraçados, apresentando esqueletos ambulantes, cobertos de peles murchas, caras que já são caveiras, representam figuras que lembram as múmias do Egito ou as guanches das cavernas de Tenerife, só com a diferença de não serem imóveis.

Quando êsse quadro medonho e repugnante se oferece, abrem-se os cofres públicos, recorre-se à caridade do povo e oferecem-se meios de fugir do lar."

Em presença de tão horrendos quadros, êle estudou com carinho a questão das sêcas, investigou suas causas, analisou em todos os aspectos a região que lhe servia de cenário, na preocupação constante de poupar o sertanejo aos atrozes sofrimentos, sem descurar do beneficiamento do solo e das riquezas da região. Chegou a conclusões exatas e ofereceu despretensiosamente aos poderes públicos sugestões exequíveis. E quão magoado ficou com o desinteresse do Poder Público por aquela gente sofredora! Se dispusesse de recursos para executar em toda a plenitude as suas idéias magníficas, o barão de Capanema teria removido do Nordeste as conseqüências maléficas das sêcas. Mas de nada valeu sua palavra autorizada de técnico ímpoluto e de sábio renomado, porque contrariavam em parte suas sugestões a interessados contaminados pelos vícios decorrentes da trilogia maldita, referida na introdução dêste trabalho. E teve que cruzar os braços desiludido. Apontou, no entanto, à posteridade a administração pública, o governo e os monstros de forma humana como responsáveis pela perpetuidade dêsse problema aparentemente insolúvel.

CAPÍTULO II

A FOME, PROBLEMA NACIONAL

Espírito desprendido e extremamente sensível às dores alheias, muito sofreria hoje o barão de Capanema, se ainda vivesse, ao compenetrar-se desta verdade chocante: a fome já não é problema regional dos sertanejos do Ceará em períodos de sêcas; tomou as proporções de gigantesco problema nacional, mesmo sem sêcas.

Ao seu tempo, externava-se o ilustre sábio mineiro com energia e espírito de revolta quando se referia à incúria dos proprietários no Ceará e à negligência da administração pública e do governo. Parecia-lhe desonroso deixarem que, à falta de medidas comezinhas, milhares de criaturas sofressem os efeitos martirizantes das sêcas. Não havia êle concluído, depois de pacientes e penosos estudos da região — numa época em que não havia o motor a explosão e a máquina a vapor apenas se ensaiava na Côte, sendo tudo transportado pelo lombo de cavalo — que as sêcas não eram ali apenas fenômeno telúrico, mas, também, um fenômeno cósmico? Já em 1860 não havia dito que a questão deveria ser resolvida sem cogitar de suprimir as causas, mas, sim, de prevenir os efeitos? Não havia asseverado com provas exuberantes que elas eram benéficas à região? E não

sugerira como medida indispensável e inadiável a construção:

1) de depósitos d'água potável, a exemplo do que já faziam os índios, altamente providentes apesar de incivilizados?

2) de açudes para irrigação, com as indispensáveis cautelas?

3) de depósitos de cereais, adotado o tratamento químico indispensável para evitar a destruição dos mesmos, pelo gorgulho e outros bichos?

4) de silos para armazenar forragens para o gado e outros animais?

E não havia aconselhado a arborização do território, escolhido para isso o juazeiro que, além de excelente forragem, resistia às mais duras sêcas, ensaiando-se, porém, o reflorestamento dos morrotes na época das chuvas?

E não ponderara que se devia animar a iniciativa do povo, sem habituá-lo a tudo esperar do governo?

Não indicara que ao governo deviam ficar afetas as obras de utilidade pública, como reflorestamento, açudes, estradas e outras, bem como providências legais para garantir a conservação da floresta e a inviolabilidade dos depósitos de cereais e de forragem e evitar a exploração?

Não havia sugerido a organização de uma liga entre os proprietários rurais para, de comum acordo, criarem os recursos necessários para atravessar os anos calamitosos?

Por que então continuavam os nordestinos a ser tratados como párias nas épocas em que a catástrofe se manifestava?

Êle próprio concluiu desiludido: era porque havia monstros com forma humana, para quem a honra de uma família valia menos que um punhado de farinha estragada e a dignidade de um sertanejo não tinha significação alguma. Êle bem sabia, e o dissera por escrito, que os sertanejos durante as sêcas poderiam alimentar-se com manteiga e saboroso queijo além de exportar êsses produtos, desde que inteligentes e úteis providências fôssem tomadas. Apesar de tudo, o triste espetáculo dos "retirantes" perdurava em toda época de sêcas!

Em nossos dias, a questão da fome dos sertanejos continua como dantes, com pequena modificação... para pior, observada de certo ângulo. Apresentam-se excelentes figurinos com gráficos convincentes de administração e de governo eficientes. Tudo perfeitamente bom... como mostruário... obedecendo rigorosamente à técnica da moderna propaganda. Seu conteúdo prático, porém, anula-se de encontro às barreiras que envolvem os homens bem intencionados, como ocorre com o atual Presidente da República que, segundo declarações do PTB à imprensa, está como que manietado pelos "tubarões"!... E coitado daquele que disser com honestidade de propósitos, visando ao bem de sua Pátria, que certos papéis pintados e certos relatórios e livros de endeusamento só convencem aos espíritos fantasistas que não tenham poder de percepção e de análise do que se passa na realidade! Acusam-no de atrasado, medíocre ou inimigo do Governo. Aplicam-lhe o tratamento que julgam merecido: arrolham-lhe a boca, ou inutilizam-no. E' esta a liberdade* que até há pouco se dava ao crítico honesto e construtivo. E assim se enchiam hospitais e cadeias,

ao passo que a população dos sertões ia emigrando para as grandes cidades, criando dois outros problemas bem sérios: o da habitação e o do abandono da agricultura. E numa cidade, como o Rio de Janeiro, Capital da República, observava-se isto: criancinhas morrendo de inanição nos braços de suas mães na fila às portas do Instituto Nacional de Puericultura, por falta de vagas; mães que pediam 30 centavos aos médicos para poderem pagar a passagem de regresso à casa, e que casas: barracões pelas encostas dos morros ou pelos matos dos subúrbios, sem alimento, sem água, sem higiene, abrigando uma população enorme constantemente sob a ameaça de despejo; criancinhas até três anos que se internavam com edema da fome e anemia profunda (900.000 hemácias!) para morrerem depois de esgotados todos os recursos modernos da ciência médica; médicos e enfermeiras puericultores de competência e abnegação inconfundíveis, que mal disfarçavam a revolta que lhes ia no íntimo pela compreensão nítida de que o problema da natalidade no Brasil era bem diferente do que pensavam os observadores de fora. Não se tratava de problema a ser resolvido apenas por médicos, de vez que era essencialmente problema de governo, de administração pública, de organização nacional. Decorria da subnutrição do organismo materno, que é problema nacional ligado a causas econômicas. Enquanto não se resolve, o índice de tuberculosos aumenta assustadoramente neste povo subnutrido e esfoameado, a delinquência por menores abandonados toma proporções que espantam, e a venalidade, a politicagem rasteira de partidos em desagregação corroídos pelo egocentrismo que teima em não ceder o lugar ao sociocentrismo de nossos dias, a simulação, o suborno, a displicência, a preguiça, a bajulação, a intriga, a pusilanimidade, a prostituição, constituem-se em características de uma sociedade miserável que está apodrecendo à falta de terapêutica educacional e econômica eficazes, mas em que, felizmente, apontam alguns valores capazes de reerguê-la deste caos.

CAPÍTULO III

DESPREZO AO TRABALHO DO TÉCNICO BRASILEIRO

Os efeitos medonhos das secas continuam ferindo-nos os olhos e magoando a nossa sensibilidade patriótica, apesar dos estudos e das sugestões do barão de Capanema. Este, profundamente modesto e bastante desiludido, empunhou a pena em 1901 — não sem relutância — e publicou no "Jornal do Comércio", aos 77 anos de idade, mais um importante trabalho sobre as secas do Ceará, finalizando-o com estas proposições bem significativas:

"Ocupei-me do Ceará, que conheci em 1860, porque em 1884 encontrei pouca diferença relativa ao assunto de que tratei.

Dar-me-ei por bem compreendido se encontrar alguma alma criteriosa que me compreenda, oxalá algum guarda."

E' oportuno recordar que, em 1934, na Assembléia Constituinte, o então Ministro da Viação e Obras Públicas — José Américo de Almeida, prestou o seguinte depoimento a propósito da aplicação das verbas das Obras Contra as Secas:

"Infelizmente é essa a história de quase todos os nossos empreendimentos, promovidos sob a pressão das calamidades, como as Obras Contra as Secas, que só contam com maiores recursos quando se convertem em obras de assistência que absorvem as verbas, em prejuízo de uma aplicação reprodutiva com a normalidade dos trabalhos." (4)

Verifica-se, pois, que de 1860 — ano em que o barão de Capanema ofereceu ao Governo suas brilhantes sugestões — ao ano de 1934, quando o Sr. José Américo se pronunciou sobre a questão, esta ainda não se modificara do ponto de vista governamental e administrativo, pois, como dantes, só se ocupavam dela quando a catástrofe se manifestava com todos os seus efeitos de miséria e degradação.

CAPÍTULO IV

QUADROS MEDONHOS

Pelo documentário fotográfico divulgado pela imprensa, vê-se que é verdade o que se vem dizendo neste desprezioso trabalho. Representa cenas de êxodo dos sertanejos do Ceará na penúltima seca, aliás branda, que assolou aquele Estado (1942-43). Pelas fotografias tem-se uma idéia mais ou menos fiel dos efeitos calamitosos das secas e da incúria do Governo e da Administração Pública, que até hoje não executaram nem na sua terça parte as fecundas medidas práticas propostas pateticamente pelo barão de Capanema. Crianças, mães, moças solteiras, senhoras grávidas, velhos, rapazes, pais, irmãos, conhecidos, estranhos, gente de bem e gente ruim, todos em promiscuidade, distantes de seus lares, com o cansaço nos músculos a preannunciar a estafa geral, o edema das longas caminhadas e a fisionomia de famintos, caminhavam dia e noite, acossados pela negligência de uns e a maldade de outros, maltrapilhos, descalços, sedentos, como tribos nômades pelo areal abrasador de um deserto infernal, em demanda de paragens onde possam com coragem estoica enfrentar, em luta menos desigual, a inclemência do céu e os rigores da terra. Tais cenas possivelmente não se verificariam se os responsáveis pela causa pública tivessem considerado em toda a sua plenitude os patrióticos estudos e as humanitárias e econômicas sugestões oferecidas pelo técnico brasileiro — o barão de Capanema.

A questão, porém, continua até hoje, como tudo no Brasil, em princípios de solução, sem um resultado prático verdadeiramente apreciável, mau grado os créditos já aprovados para uma aplicação que não deveria ser apenas parcial, paliativa

(4) Ministro JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA — *O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação* — Imprensa Nacional, Rio — 1934, pág. 336.

ou sintomática. Os sertanejos continuam retirando-se da terra por ocasião das sêcas e isto é prova suficiente de um descalabro administrativo ou de incúria governamental passível de advertência.

CAPÍTULO V

AS SÊCAS, FONTE DE LUCROS INCONFESSÁVEIS

As sêcas do Nordeste continuaram sendo fonte de lucros inconfessáveis, principalmente para estrangeiros de pouco escrúpulo — sempre tidos como mais capazes que os técnicos nacionais — que para aqui vinham com o único objetivo de ganhar dinheiro e depois mandar o Brasil, sua gente e suas sêcas plantar favas. Quero referir-me ao caso de uns alienígenas que pretenderam, com absoluto desprezo do estudo da região feito pelo barão de Capanema e outros sábios nacionais, resolver a questão das sêcas a exemplo do que fôra feito na Califórnia, como se o Ceará e a Califórnia fôsem territórios de igual estrutura e idêntica inclinação! A solução dada à questão do território de lá tinha que ser, na opinião de pseudopatriotas brasileiros, que sempre os tivemos em grande número, a mesma para a do território de cá! O estrangeiro era mais capaz, mesmo sem escrúpulo, do que o técnico brasileiro; conseqüentemente o lema tinha que ser este: confiar-se nêle, formar opinião a êle favorável e relegar-se ao abandono os estudos e as sugestões de um brasileiro honesto, capaz, patriota, ímpoluto. Mãos à obra! Resultado: os estrangeiros encheram-se de dinheiro, foram-se embora com um dar de ombros às nossas sumidades administrativas, e o Ceará ficou com as suas sêcas periódicas e os cofres públicos dilapidados.

A tragédia geo-bio-social daqueles homens rudes do trabalho sempre aguçou os apetites egoísticos dos que se locupletam à custa da desgraça alheia. A indústria dos açudes vai transformando-se pouco a pouco em fonte de lucros individuais e não na solução do problema social. Dela se aproveitam menos os necessitados do que imediatamente fornecedores de material, construtores e proprietários de terras, que não ligam aos sertanejos a importância que o barão de Capanema lhes atribuía, tanto mais quanto é certo que não há muitos anos um açude rebentou e suas águas, possivelmente contaminadas, arrasaram inúmeras casas aniquilando famílias inteiras.

Enquanto isso ocorre no palco onde se desenrola o drama dos sertanejos, os estudos e as sugestões do barão de Capanema jazem expostos ao pó e à traça nas estantes da Biblioteca Nacional, à espera de "algum guarda" que lhes dê atenção criteriosa, lendo-os com imparcialidade e sem julgamentos preconcebidos, a fim de ampliá-los, melhorá-los se necessário, mas sobretudo praticá-los. Não aparecendo semelhante cavalheiro, aquela pobre gente há de continuar vítima da miséria e das sêcas, oferecendo periodicamente ao espírito estarecido do mundo civilizado essas cenas de migração que tanto rebaixam e aviltam o valor da

ciência no Brasil, ao mesmo tempo que nos deprimem, nos envergonham e nos degradam. Será que a dignidade dos que sofrem com estóica resignação e a honestidade de alguns poucos que dirigem, não hão de um dia triunfar neste vasto país onde a maior crise é de caráter e de senso de justiça?

CAPÍTULO VI

RESUMO DA ÚLTIMA PUBLICAÇÃO DO BARÃO DE CAPANEMA SOBRE AS SÊCAS DO NORDESTE

"As Sêcas do Norte" é o título do artigo publicado pelo sábio mineiro no "Jornal do Comércio", em 1901, em virtude de pedidos insistentes de amigos. Essa publicação foi editada no mesmo ano pela Imprensa Nacional, por solicitação do Ministério da Agricultura. Pode ser resumida do seguinte modo:

A população do Ceará até 1860 — Impressão de uma natureza morta e ao mesmo tempo animada. O drama do cearense a contemplar o céu. Espetáculo de efeito surpreendente: sulcos há anos sem água transformando-se subitamente em torrentes impetuosas; chão sem vegetais e árvores sêcas transformando-se rapidamente em tapetes de verdejante relva e árvores cobertas de folhas verdes. Períodos de fartura. O vaqueiro. Costumes dos habitantes da vila. Forragem. Alimentos de verão: queijo, manteiga, coalhada, farinha, rapadura, mucuzá, carne de vento, cereais. Cirurgias improvisadas. Aspecto do povo. Sua união nos tempos patriarcais. Os "homens bons". O governador despótico que deixou saudade. A mais perniciosa e incurável epidemia que acometeu o povo: a Política. Chimangas e Caranguejos, dois partidos políticos. Presidente de Câmara Municipal em "robe de chambre" de chita, chinelos e cartola de gala bem lustrosa. Os saquaremas e os luzias.

Descuido, imprevidência e desatinos administrativos: — Ceará, vasto lajedo granítico. Sêcas, indispensável elemento para manutenção da prodigiosa fertilidade do solo. Nutrição das plantas no Ceará. "Pedra que apodrece e produz estrume", segundo a compreensão do sertanejo; explicação do fenômeno. "No Ceará, só em alguns lugares é possível limitar a ação das sêcas"; elas reinam ali desde os períodos pré-históricos. Ossos de mamíferos antidiluvianos, que morreram de sede. Bois que "sabem" quando vai chover. A idéia de conter as sêcas lembra D. Quixote atacando o moinho de vento; é preciso evitar os seus efeitos. A previdência dos selvagens. Os Zonotes do Iucatán. Criminosa incúria, o motivo do desaparecimento dos cereais indispensáveis à alimentação. As vítimas da maldade e da torpe vileza de monstros com forma humana. Conseqüências das sêcas. As vítimas da calamidade; quadro medonho e repugnante. A honra por um punhado de farinha deteriorada. Desvio criminoso dos auxílios às vítimas. Distribuição degradante de auxílios. Ração a homens, como a gado no estábulo. O Ceará deu o mais belo exemplo de respeito à dignidade indi-

vidual da gente atingida pelos efeitos da seca, quando se construía a estrada de ferro de Baturité, sendo presidente da província o barão de Sobral. Utopia de certos sábios: construção de muitos açudinhos para fazer chover. A utilidade dos açudes depende da qualidade do terreno em que são construídos. As condições climáticas poderão ser melhoradas. Toalha molhada que em poucos minutos, à sombra, seca e fica quente e dura como se fôra passada a ferro. Boi que cai morto na estrada e não putrefaz, mas fica seco em 24 horas. Cavalo em pé seco e achatado como múmia. Termômetro e pote d'água que constituem um psicrômetro. O que se observa em cacimbas à beira das praias do Ceará induz a estudo indispensável antes de tentativas de irrigação com extração do lençol da água subterrânea. Árvores que zombam das secas. O juazeiro ("Zyziphus"). A rama do juazeiro, excelente forragem. A canafístula. Os oiticicas (moquilca). 36 graus à sombra; 63 graus fora da sombra. Sugestões para ensaiar a cultura do juazeiro. Experiências adquiridas com destruição de florestas e com o replantio. Paraíso de convascentes invadido por febres de mau caráter em virtude de derrubada das árvores.

Medidas que convêm pôr em prática — A arborização deve ser ensaiada. Época de arborização dos morrotes. Depósitos de mantimentos (cereais) em diversos pontos para consumo durante a seca. O problema do bicho (gorgulho e caruncho) que destrói cereais; como Capanema o solucionou cientificamente em pleno sertão do Ceará em 1859. Tipo de depósitos para o Ceará. Os grandes depósitos de mantimentos na Rússia. Observações feitas por Capanema, quando estudante, em período de férias. Providência de Gudula, o ricoço polonês analfabeto. O velho José Vitorino, na Vila da Estrêla ao tempo da fundação de Petrópolis, era um "símile" de Gudula. Gudula e os fazedores de leis. Sistema de Gudula no Ceará ao tempo dos capitães-mores. "Dinheiro não tem rei". O gado, uma das principais riquezas do Ceará. Os capins do Ceará e suas propriedades. Capanema adquire uma propriedade perto de Quixeramobim para dar exemplo de como se deve conservar as forragens. Como se deve criar o gado. Seleção do gado. Consumo próprio e exportação de manteiga e queijos durante as secas. Cavalos que lembram garanhões e incúria dos proprietários que permitia aos vaqueiros inutilizar poldros que ostentam qualidades superiores. Preferir o exemplo a instruções, a receitas etc.: "aquilo que o povo vê, o convence". Estímulo à iniciação. Arborização e leis para garantir sua conservação e seu aproveitamento. Aumentar nos anos normais a produção de cereais e manter as necessárias reservas, adotando medidas para evitar abusos e violação de depósitos particulares. Liga de proprietários rurais. Riqueza de forragem à mercê da Providência. Campeiros e vaqueiros não aprovam o abandono de seus hábitos seculares; o que é preciso fazer. Compressão da forragem para evitar o mofa. Feno enfeixado completamente seco

é menos nutritivo. Infinitamente mais compreensível "o que se vê" do que aquilo que "se ouve". Revolta contra o absurdo de uns americanos que propuseram, baseados no Magister dixit, abrir poços artesianos em terreno granítico do Ceará.

CAPÍTULO VII

ÍNTegra DE "A SÊCA DO NORTE" PELO BARÃO DE CAPANEMA

O trabalho que abaixo transcrevo, de autoria do barão de Capanema, foi inserto no "Jornal do Comércio" e reproduzido em avulso por deliberação da Sociedade Nacional de Agricultura, sendo editado aqui no Rio, pela Imprensa Nacional, em 1901.

A Sêca do Norte

"Ceará! Ceará! terra da fartura e da miséria! alternando perpétuamente sem nunca despertar o letargo daqueles que tinham e têm o dever de com o excesso de uma abafar a impetuosidade da outra.

Ceará! o país de uma produção prodigiosa, superabundante, onde o solo se esforça por produzir, como por encanto, uma pujante vegetação que se desenvolve com vertiginosa rapidez!

Um terreno pedregoso, seco, coberto de arvoredo, com troncos denegridos, sem uma folha, produziria a impressão de uma natureza morta — mas uma atordoadora algazarra de papagaios, piriquitos, jacus, quero-queros, xexéus, corupções e bandos de pombas revelam a existência de vida, de uma natureza animada — cujos habitantes se nutrem de sementes das gramíneas torradas, quebradiças, reduzidas a pó que o vento permanente durante os dias espalha como leve poeira, deixando o chão limpo coberto de abundância de grãos alimentícios!

Presenciei um desses espetáculos de efeito surpreendente.

Ia eu em caminho para a lagoa do Ripina a examinar um depósito de ossos fósseis; pernoitei em um casebre no Camocim: habitava ali um casal possuindo alguns cobres que tinha de levar aos cumes dos serrotes, onde encontravam erva seca; e a cacimba distante uma légua para beberem água salobra.

À tarde êsse casal encostado a um esteio, imóvel como estátuas, cravava os olhos fixos no poente, onde o céu coberto de nuvens escuras, nas quais por intervalos apareciam raros relâmpagos, cujo clarão deixava ver uma linha perfeitamente horizontal, que era o espinhaço da serra da Ibiapaba.

O homem sempre imóvel, com voz pausada e lúgubre que arrepiava os nervos, por vezes exclamava: No Piauí já chove! Era uma expressão de dor!

No dia seguinte, às 5 horas da manhã, segui viagem, atravessei o rio Caxitoré, no qual há três anos não houve vestígio de água.

Às 10 horas pousei em uma fazenda à margem do riacho Catarina, também completamente seco havia três anos.

Do lado oposto do riacho elevava-se o terreno em suave declive, o chão vermelho e duro estava limpo, varrido pelo vento.

O céu estava carregado de nuvens negras, ao longe roncava o trovão, e às 11 horas desabou um violento aguaceiro; em um quarto de hora o riacho tornou-se uma torrente impetuosa, um afluxo de água de longa data transbordou, os moradores correram a ele para salvar um garrote emagrecido, que se afogava.

A temperatura do ar, que estava a 25 graus, baixou a 23 graus e a água marcava 21 graus.

Isto foi em princípio de dezembro de 1860.

Os aguaceiros continuavam com curtos intervalos, as nuvens que os despejavam eram tocadas por ventos que rondavam a miúdo de um rumo ao outro, até mesmo ao oposto.

No dia seguinte estava a atmosfera pura, o sol brilhante iluminava uma paisagem inteiramente diferente daquela da véspera.

A rampa vermelha desaparecera, estava coberta com um tapete verde esmeralda! Isto às 10 horas do dia; era a semente de capim que germinou com prodigiosa rapidez; em alguns lugares formava festões, onde o cisco levado pelas águas com a semente encontrava obstáculo.

Pelas 11 horas eu subia essa ladeira, ela estava alastrada com sementes de angicos, que, ainda secas 24 horas antes, já apresentavam radículas de dois a três centímetros, procurando penetrar na terra.

Se eu não tivesse presenciado o fato, seguramente não o reputaria verdadeiro.

Seguindo viagem, pude observar dia por dia o progresso da vegetação: ao cabo de oito dias os sabiás (árvore), juremas, angicos e pereiros estavam cobertos de folhas, e algumas trepadeiras em plena flor, servindo de alimento aos pássaros.

Toda plantação que se faz em terreno já preparado durante a seca se desenvolve com igual rapidez e frutifica prodigiosamente.

As culturas arbustivas, como o café, durante a seca também se ressentem, porém a primeira chuva igualmente os restabelece. Na serra de Baturité cheguei a uma fazenda que tinha em frente um cafezal, cujo aspecto não era animador; todas as folhas estavam murchas e pendentes, prestes a cair.

Em outubro, mês em que aparecem, passadeiras, as chuvas de caju, por certo espera por elas para desabrochar as suas flores.

À noite fresca choveu. Na manhã seguinte, quando cheguei à janela, fiquei surpreso com o aspecto dos cafeeiros, que pareciam cobertos de

algodão ou neve! Eram as flores que todas abriram simultaneamente e deliciosamente perfumavam o ar ambiente.

Nessas condições é também altamente remuneradora a cultura de cereais.

A forragem para o gado cresce espontânea e com abundância por toda a parte, prestando-se a excelente feno.

Ao cearense nos períodos normais de fartura os meses de janeiro a abril bastam para lhe proporcionar os meios de subsistência durante o ano inteiro. Nesses meses, que se qualificam de inverno, ele vive de leite, queijo e coalhada com farinha; com isso desenvolve uma atividade e uma ostentação de força admiráveis, passa o dia inteiro, às vezes durante semanas, a correr gado, coisa que exige muita habilidade, destreza e sangue frio, pois naquela terra tem ele de andar a cavalo com as rédeas curtas em uma mão e segurando-se com ela na crina, a outra mão é para eventualidade; assim montado, vestido em sua roupa de couro, chapéu de aba larga levantada na frente, para ver os galhos por baixo dos quais tem de passar, por entre espinheiros onde passa o boi a toda disparada, tem de passar o cavaleiro, que não precisa governar o cavalo, mas governar-se a si, ora atirando-se para um, ou para outro lado, prolongando-se com o flanco do animal, segurando-se com o pé na anca deste, a fim de não roçar com a perna em um tronco de árvore, ou de esbarrar em algum galho horizontal; só a isso tem ele de olhar. Quanto ao boi, este fica ao cuidado do cavalo. Voltando à noite ao lar, o vaqueiro toma sua refeição, constando principalmente de coalhada, que é excelente com farinha e queijo.

Nessa época muitas famílias vão para o campo "passar o verão" em atmosfera fresca e saluberrima.

No verão perdem, com raras exceções, as árvores suas folhas, o capim de diversas qualidades, magnífica forragem seca, alimenta ainda nuvens de pássaros com a semente, caindo a maior parte desta no chão para germinar no ano seguinte ao cair das primeiras chuvas.

Além do capim, há diversas plantas arbustivas também forrageiras, que influem tanto sobre o leite, tornando-o às vezes azulado, outras produzindo coalhada bastante sólida e saborosa, outras granular; sobre a boa coalhada forma-se uma camada de nata, da qual se pode fazer boa manteiga sólida, que o vaqueiro chama sebinho, e com o coalho fazem-se queijos que, com a carne de vento muito especial e os cereais, sobretudo o mucuzá (milho cozido), rapadura e farinha, são os principais alimentos do verão, isto é, do "quente", no qual o cearense descansa das lidas do inverno, ocupa-se em fazer objetos de couro, preparar terreno para novas plantações, percorre o campo a revistar o gado; outras convalescem de acidentes sofridos durante as corridas nos matos, que são, sobretudo, fraturas de pernas e braços, o que não

lhes dá cuidado porque têm muito jeito para encanar ossos.

Tivemos um exemplo: quando estávamos a sair do Ipu, soubemos que um vaqueiro tinha fraturado uma perna, na parte superior da coxa; o nosso médico mandou incontinenti seguir a ambulância e avisar que, acabado o nosso almôço, seguiríamos. Quando chegamos ao lugar, não encontramos o paciente, pois já tinham feito o curativo e o transportado para sua casa, distante.

O povo, em geral, é sadio e robusto; outrora, nos tempos patriarcais, vivia unido, cuidando dos meios de subsistência e de suas pequenas indústrias.

As vilas permaneciam desertas a maior parte do ano, as casas fechadas; só residiam ali o vigário, as autoridades e alguns negociantes. Os donos das casas com suas famílias residiam nas suas fazendas.

Nos domingos, porém, e dias feriados, afluíam todos à matriz, para ouvir missa; isto, porém, não era carolice, além do sentimento religioso, havia o interesse de manter a harmonia na sociedade, sanar divergências entre as pessoas, discutir os interesses da comunhão, etc.

Havia então entre a população os "homens bons", pessoas respeitáveis pela sua idade, siseudez e critério, aos quais se recorria em tôdas as emergências; eram consultados para quaisquer empreendimentos, quer de utilidade pública, quer de interesse particular; seus conselhos eram seguidos, inimigos congraçados, laços de família estreitados.

Houve também um governador despótico que tomava o máximo interesse pelo bem-estar e moralidade do povo, procurava informar-se minuciosamente de tudo quanto se passava na província; para isso tinha ele agentes em tôdas as estradas que conduziã à capital, e esses davam ordens, sob ameaça de punição, a todo indivíduo que vinha do interior para se apresentar logo ao governador; o sertanejo descalço era sem demora admitido e, na sua presença, submetido a interrogatório sobre a vida dos moradores do lugar de onde vinha, suas ocupações, o que produziam, quais as suas necessidades, o procedimento das autoridades; e o mesmo fazia com o opulento fazendeiro; não havia distinção.

Ele não trepidava em mandar chamar qualquer poderoso capitão-mor, repreendê-lo, humilhá-lo e mesmo metê-lo na cadeia, por causa de injustiça feita até a um trabalhador.

Ainda encontrei velhos no Ceará que, ao pronunciar-se o nome do general Sampaio, tiravam o chapéu em sinal de respeito à sua memória.

Esses tempos idos estão liquidados, desde que acometeu o povo a mais pernicioso e incurável epidemia — a "política".

Criaram-se desavenças, formaram-se partidos, hostilizando-se, sacrificando-se nas lutas partidárias os interesses, não só individuais, como da co-

munidade. Chegou a ponto de se dividir a população em "Chimangas" (nome de um gavião) e "Caranguejos"; chegavam senhoras a trazer, como distintivos, nos alfinêtes do peito, gravado, os respectivos bichos, e na igreja onde entrava a primeira senhora, sendo "caranguejo", ali não pisava outra, sendo "chimanga"; isto tocava ao ridículo.

Ainda em 1859 e 1860, quando por lá viajei, mal entrava num povoado, era visitado por alguma pessoa de consideração do lugar (até por um presidente de Câmara Municipal em "robe de chambre" de chita, chinelos e a "cartola de gala bem lustrosa"); se ele era "saquarema", eu era cumprimentado por todos os correligionários salientes do lugar, que se esforçavam por me obsequiar; os "luzias", porém, me evitavam, por me considerarem qualificado "saquarema".

Aconteceu às vêzes no dia seguinte ser eu, na localidade vizinha, qualificado de "luzia".

Essas desavenças pela política só aproveitaram a especuladores, mas prejudicaram a população e mudaram-lhe os sentimentos.

Até aqui procurei dar uma idéia do que foi e o que era a população quando lá estive, em 1859 e 1860, e aponte as suas condições no estado normal.

Agora farei o possível para mostrar o descuido, a imprevidência e os desatinos administrativos cometidos em relação às condições anormais no tempo das sêcas.

Em primeiro lugar devo esclarecer que as sêcas são ali um indispensável elemento para a manutenção da prodigiosa fertilidade daquele solo.

A maior parte da superfície do Ceará repousa sobre um vasto lajedo granítico, excetuando-se as serras do interior e Ibiapaba até os Cariris, no Crato, onde predominam rochas de sedimentos arenosos e alguns calcários, de formações "jurássicas" e "cretáceas" e outras inferiores talvez à "permiana dos psamitos" vermelhos, posteriores a formações "carboníferas".

Grande parte do terreno sobreposto ao gnaiss é muito pedregoso e bastante permeável, o que permite a infiltração das águas, por outro lado dificultando a evaporação da umidade que absorvem as raízes do arvoredo, o qual se conserva durante anos com vida, apesar de completamente despido de folhagem, de onde resulta a conservação e inércia da seiva, pela falta das folhas, que são consumidoras e transformadoras da mesma seiva.

Até certa profundidade a umidade diminui de baixo para cima, dando lugar a penetrar nos intervalos entre pedrinhas, e das partículas de terra o ar com ácido carbônico, que promove a decomposição das raízes finas e das pedras micáceas, feldspáticas e outras que freqüentemente as acompanham, como apatitos, etc., desagregando o ácido fosfórico e a potassa, que em larga proporção as

plantas consomem, e assim vai-se de ano a ano suprimindo o solo com as substâncias nutritivas, à medida que vão sendo consumidas.

A êste respeito refiro uma prova que tive do notável instinto popular: visitando eu um cafezal, na serra de Aratanha, em companhia do dono, eu lhe disse: "Tempo virá em que o terreno, de cansado e exausto, não poderá mais nutrir os seus cafés". Ele apontou para um penhasco isolado e respondeu: "Vê aquela pedra? Ela "apodrece" e produz estrume".

Esta frase, mudado o termo *Apodrece* para *Decomposição*, exprime um dogma geológico que os sábios nos seus gabinetes levaram séculos para o pronunciar.

E' fato geralmente conhecido que as plantas perenes, depois de uma avultada produção, descansam até durante anos; o próprio café, às vezes, mostra essa alteração; aqui temos a mangueira, que é um exemplo de que só com o auxílio do homem essas intermitências podem ser evitadas em lugares onde se manifestam.

No Ceará, só em alguns lugares é possível limitar a ação das sêcas.

Nas paragens onde são proveitosas, convém que tenham de prestar serviços à população; combatê-las é escusado porque elas ali reinam provavelmente já desde os períodos pré-históricos. O seguinte fato me induz a assim pronunciar-me.

Na lagoa do Ripina encontrei ossos de mamíferos antidiluvianos; infelizmente só encontrei fragmentos, porque tinham sido quebrados, talvez para com mais facilidade se poderem remeter em barricas pequenas a algum museu, e provavelmente ainda existem alguns restos de um monte de fragmentos, que só serviriam para fazer cal e extrair ácido fosfórico.

Na bacia da referida lagoa (essa bacia é formada de três camadas sobrepostas; na inferior se encontram os ossos) ainda observei enterrados alguns pedaços, prova de que os animais a que pertenceram ali foram morrer à vista de água que não matava a sede.

Isto se dá ainda atualmente, segundo me afirmaram diversos vaqueiros, com o gado esfaimado após prolongada seca; quando já destruída toda a substância nutritiva das pastagens, êsse gado se vai arrastando para perto dos lugares onde "fareja" água; aí caem às vezes para não mais se levantarem, o que é admissível porque, segundo contam indivíduos habituados a levar manadas para a "praça" (Pernambuco), o gado dócilmente acompanha o campeiro cavalgando na frente como guia.

Acontece, porém, às vezes que as reses da frente disparam repentinamente em direção diversa do rumo a seguir e a boiada inteira, em vertiginosa carreira, vai atrás dos que tomaram a dianteira, para só parar onde encontram a água que farejaram de longa distância. Contam também os campeiros que o boi cheira o chão, e se manifesta alegria é sinal de que as chuvas não tardam.

À vista disto, é evidente que os grandes ruminantes antidiluvianos tivessem o mesmo instinto de farejar água.

A história menciona também diversas sêcas com intervalos repetidos.

À vista do exposto é inútil procurar combatê-las, seria apenas lembrar D. Quixote atacando o moinho de vento. Elas fatalmente se reproduzem.

E' preciso evitar os seus efeitos e em tempo procurar outras regiões que forneçam contra elas o abrigo, ou precaver-se com os recursos necessários para arrostá-las, o que é fácil, e disso há exemplos.

Nos confins da Paraíba do Norte mostraram-me um poço na falda de um morrote, em que se "ajuntava" água de que se serviam os selvagens do lugar; mas eram tão malvados (expressão de quem me referiu o fato) que retirando-se êles quando a caça escasseava e ameaçava a seca, entulhavam de pedras o poço, cobrindo-as de cisco para outros não darem com o lugar. Quando voltavam desentulhavam o poço, tiravam toda a água, limpavam-no cuidadosamente, cercando-o para nem mesmo os cães beberem daquela água que caprichavam manter limpa.

Êstes homens sem civilização eram providentes.

Outro exemplo muito notável me foi indicado com referência ao Ceará pelo falecido Ferdinand Denis, grande amigo do Brasil e dos brasileiros. Ele mencionou a descrição, que fizera um viajante, dos Zonotes que encontrara no Yucatan, onde reinam sêcas periódicas: são êstes vastas cisternas fundas no meio de um grande terreiro ladrilhado para colhêr as águas da chuva.

Segundo uma notícia que há tempo alguns li, novos ocupantes tratam de limpar êsses Zonotes já cobertos de terra e de vegetação, a fim de os aproveitar para reservatórios d'água.

No Ceará tais reservatórios seriam úteis, porém devendo ser acompanhados de outras medidas; água nunca falta inteiramente, mas os cereais indispensáveis para alimentação desaparecem completamente por criminosa incúria.

Aguarda-se o aparecimento da calamidade, não se cura de recursos para evitar os seus desastrosíssimos efeitos, sabe-se que o inimigo infalivelmente vem a êsse poderoso inimigo, vem cruel, sem piedade, mil vezes pior que uma guerra contra a qual se tomam medidas de defesa; a bala mata ou fere, o que não ocasiona sofrimentos prolongados e não atinge mulheres e crianças, a seca martiriza não só física como moralmente. Quanto não sofrem as mães debilitadas com os filhinhos agarrados aos seios sem uma gota de leite! Desesperadas elas para se alimentarem arrancam raízes às vezes venenosas, esforço extremo para prolongar uma dolorosa agonia. E quanto sofrem as vítimas da maldade e da torpe vileza de monstros com forma humana que escarnecem da mais atroz

miséria e oferecem em troca da honra um punhado de farinha que o Governo manda em socorro dos infelizes! e não raro deteriorada!

A fotografia perpetua o aspecto desses desgraçados, apresentando esqueletos ambulantes, cobertos de peles murchas, caras que já são caveiras, representam figuras que lembram as múmias do Egito ou as guanches das cavernas de Tenerife, só com a diferença de não serem imóveis.

Quando esse quadro medonho e repugnante se oferece, abrem-se os cofres públicos, recorre-se à caridade do povo e oferecem-se meios de fugir do lar!

Gastam-se milhares de contos de réis, às mais das vezes sem indenização alguma, sem proveito para o país.

Vem a primeira chuva, considera-se sanada a catástrofe, que só adormece temporariamente para dar tempo à criação de novas vítimas para novos martírios, quando mais tarde outra vez o mal desperta!

E esses sacrifícios, essas despesas, essas dádivas ditadas por sentimentos elevados atingem o fim a que são destinados? ou são em boa parte desviados? Sindica-se disto? Não!

A forma pela qual são administrados esses auxílios na máxima parte dos casos é degradante — é uma esmola que se dá —, o vagabundo a recebe com “prazer”; não acontece, porém, o mesmo com o indivíduo brioso que tem consciência de pelas suas habilitações, sua atividade poder retribuir os meios de subsistência que lhe dão, e disso se orgulha; entretanto o que se faz? Dá-se a razão como a gado no estábulo, não com o fim de obter proveito, mas só de salvar vidas, sem cogitar de ocupar os necessitados; pelo contrário, entregando-os à mais perniciosa indolência, favorecendo a aquisição de vícios e extinguindo a noção de dignidade.

O indivíduo necessitado por causas alheias à sua vontade não aspira a esmola, pede trabalho; nas condições normais ele vive do produto da sua aptidão e de suas forças; nas anormais o favor que ele solicita é que lhe proporcionem oportunidade para exercer essa aptidão com a remuneração correspondente.

Não é de longa data que o Ceará deu o mais belo exemplo de respeitar a dignidade individual da gente atingida pelos efeitos da seca.

Era o ano de 1878, em que se construía a estrada de ferro de Baturité, sendo presidente da província o finado Barão de Sobral, de saudosa memória.

Engenheiro-chefe era o finado Morsing, profissional distinto, com longa prática do serviço que lhe fôra confiado. Tinha às suas ordens pessoal escolhido, todos os recursos necessários, e de nada mais precisava.

Construiu ele a primeira seção da estrada.

Recebeu um dia chamado do presidente, que logo o acolheu com as seguintes palavras: Sr. Morsing, tenho aqui na capital “cinco mil retirantes” que se sustentam e vivem em completa ociosidade; peço-lhe que me livre deles e os ocupe.

Morsing respondeu e insistiu que nada podia fazer; tinha o pessoal necessário e “habilitado”; misturar com ele os retirantes seria desorganizar o serviço e prejudicar a disciplina.

Pediu então o Barão que desse começo à segunda seção; ainda Morsing, muito metódico e ativo, objetou a inconveniência de se distrair de trabalhos que reclamavam constantemente a sua presença e que lhe alteravam o plano de serviço.

Contentou-se o Barão por fim em pedir que lhe emprestasse um engenheiro. Morsing acedeu e mandou-lhe um de seus auxiliares da turma técnica que fôra engajada na Áustria para levantar a carta itinerária do Império. Projeto encetado como é uso entre nós com muito entusiasmo e que provou a sua utilidade no Rio Grande do Sul, sucumbiu à falta de verba! O entusiasmo tinha-se esgotado. Foi apresentado o engenheiro Pinkas ao presidente. Este lhe disse o que queria e que fizesse pedido do que carecia.

Este pedido limitara-se a pás, enxadas, alviões, picaretas, forjas, barras de ferro e aço, assim como alguma ferramenta de carpinteiro, enxôfre e salitre; foi tudo prontamente satisfeito, e Pinkas tomou conta dos cinco mil retirantes, levando logo tudo para o mato.

Morsing augurou mal o êxito dessa empresa pela exigüidade dos recursos pedidos, sobretudo pela omissão de oficiais profissionais habilitados.

Pinkas nada mais requisitou e Morsing não lhe dava maior importância pela insuficiência do material de que dispunha, da falta de artífices e outros auxiliares, dispondo apenas de trabalhadores brancos acostumados com a criação de gado, serviço de roça e por isso nem se abalou em visitar o serviço.

Um belo dia apresenta-se Pinkas no palácio pedindo ao presidente para visitar os seus trabalhos, no que foi atendido; o Barão marcou o dia e convidou Morsing; este em caminho esteve demonstrando a responsabilidade de lhe ter apresentado resultado especial.

Da 1.^a à 2.^a seção era preciso atravessar uma picada de estudo bastante extenso. Ao chegarem ao fim dela, foram surpreendidos com uma salva de 101 tiros de pedreira. Morsing ficou perplexo, perguntou ao presidente de onde conseguia os cavouqueiros e os ferreiros para apontar os ferros de mina, calçar ferramentas, etc.; teve em resposta que nada disso sabia o Presidente.

Ao saírem da picada tiveram outra surpresa e uma boa extensão do leito pronto, bueiros, pontilhas com obras de cantaria em que eram empregados bons tijolos e pedra lavrada; era tudo obra perfeita!

Ao lado da estrada estendiam-se os abarrocamentos dos retirantes, onde reinava a mais perfeita ordem e asseio; foi o que mais impressionou o Barão de Sobral! Ele indagou como pôde Pinhas conseguir isto; êste disse muito simplesmente: "escolhi entre os homens os que havia de mais sérios e que me pareceram circunspectos e a cada um entreguei uma turma de gente, ficando êles *responsáveis pela ordem e boa disciplina* de todo o pessoal.

"Quanto a artifícios, fui-os ensinando e encontrei muita aptidão e fácil compreensão; estão todos satisfeitos; muito obedientes e morigerados, não carecem de polícia e o resultado de tudo isto é o que se vê: tenho pedreiros, cavouqueiros, ferreiros, carpinteiros e oleiros."

Isto foi-me referido pelo próprio Barão, quando Diretor de uma seção no Ministério da Agricultura.

E por essa forma ficou resolvido o problema de pôr uma população inteira ao abrigo da miséria, com o resultado de conseguir em compensação obras de utilidade pública muito economicamente: morigerar um povo inteligente, subtrai-lo à escola de vícios e de perversidade que se adquire na vida ociosa e más companhias.

Já se me objetou que nem sempre se pode proceder como o Barão de Sobral, quando não haja obras a executar. Triste e futilíssimo argumento e irrefletido.

Quando as circunstâncias forçam a despendar dinheiro, fatalmente, sem possibilidade de recuar, não se admitem evasivas, é preciso submeter-se; isso porém não impede que se proceda com critério, procurando uma compensação ao sacrifício, por mais pesado que êle seja.

Nunca faltam obras de utilidade pública; entre elas umas são mais urgentes que outras, que podem ser adiadas; destas deve-se lançar mão para indenizar um capital despendido com o fim de acudir a uma emergência imprevista ou passageira; evita-se o mal que ela traz consigo, porém, deixa como resultado e recordação, um empreendimento que mais tarde será aproveitado; por exemplo, uma estrada para lugar despovoado, arborização, ou preparar terreno para ela, que no futuro fornecerá madeira, ou quando menos lenha, cujo consumo não deixará de ser uma necessidade.

O Ceará tem muito em que ocupar a população, quando forçosamente tenha de ser sustentada pelos cofres públicos; por exemplo: açudes que em algumas localidades aproveitam, porém, só em zonas limitadas; convém tratar do estudo dessa questão, para quando fôr necessário alimentar a população se proceder com circunspecção e não com utopias, como aconteceu antes de resolvida a construção do grande açude de Quixadá, em que pessoa de vasta instrução e posição saliente na nossa sociedade propunha a construção do maior número possível de açudes em tôda a província, porque assim se estabelecia uma grande superfície

líquida, suficiente para saturar de vapores, pela evaporação, a atmosfera; não refletiu porém o erudito autor que êsses vapores precisavam de resfriamento do ar para os condensar e caírem em forma de chuva sôbre a terra; refletiu que o vento vindo do mar levava êsses vapores para o interior, alguns condensando-se como nevoeiro sôbre as serras, porém, a maior parte seguindo para as zonas centrais onde alimentam os rios que trazem as águas para o oceano, de onde se elevam em estado de vapor para nova circulação.

Tive uma prova em 1885, quando atravessei durante a seca ânuia os sertões do Ceará e do Piauí, para inaugurar o Telégrafo em Teresina, ligando o Parnaíba ao Rio da Prata. Pousando para almoçar junto de um poço (água estagnada em depressão de rio cujas fontes secaram) tomei, um palmo acima da superfície, a temperatura do ar, 34 graus, e a da água 28 graus; isto já era suficiente para produzir uma evaporação regular (é preciso não perder de vista que a evaporação da água se efetua não só na sua superfície, mas também na da terra, e nos gelos dos polos, dos Alpes e Andes), entretanto, o psicrômetro, a tão pequena distância da superfície, indicava escassez de umidade, mas ao mesmo tempo os nossos odres (sacos de couro de cabrito), em que conduzíamos água para beber, estavam sempre molhados por fora e a água que continham, a 24 graus, o que revelava formação abundante de vapor, e a indicação do psicrômetro significava rapidez da ascensão.

Logo a multiplicidade de açudes no Ceará não é meio de produzir chuvas; só serviria para alimentá-las em Goiás, Mato Grosso e até nos Andes.

Além disso, a utilidade dos açudes depende muito da qualidade do terreno em que são construídos; êste se acha embebido de água até distâncias bastante grandes e conserva a vegetação até às margens; outros, como observei no açude de Humaitá além de Sobral, na estrada de Ibiapina, têm a vegetação seca até à beira d'água, e um limoeiro plantado na parede de terra que formava a tapagem tinha as folhas murchas e a cair.

Com os rios acontece o mesmo; logo que as margens sejam algum tanto rasas, elevando-se suavemente em maior ou menor extensão, formam o que se denomina "vazantes", nas quais, a todo tempo, podem-se cultivar cereais, legumes, frutas, sobretudo os melões que são aí especialmente saborosos.

Infelizmente essas vazantes não são muito extensas e quase desaparecem, comparadas à superfície de todo o Estado.

As condições climáticas, contudo, poderão ser melhoradas; depende isso de ensaios.

Em fins de 1860, estando em Quixeramobim, saí às 11 do dia, com sol forte, armado de martelo, a quebrar pedras para o estudo geognóstico; voltei a casa às 3 horas, todo êsse tempo em atividade, sem encontrar uma sombra, era de esperar que eu devia estar alagado em suor, mas tal não

havia, a roupa do corpo estava completamente enxuta, marcando o termômetro dentro de casa 36 graus c. (em Sobral pouco depois chovia; o termômetro dentro de casa marcava só 27 graus c.; eu suava em bicas, porque estando o ar saturado de umidade não permitia êste a difusão da transpiração do corpo, para a qual era preciso apoderar-se do calor dêste, que assim ficaria refrescado). Lavei as mãos e enxuguei-as com uma toalha que, ficando sensivelmente molhada, estendi sobre as costas de uma cadeira, fui ao pote em um canto beber água, como a achei fresca tomei a temperatura, que era de 22 graus c., 14 graus abaixo do ar que rodeava o pote! Feito isto fui para a mesa tomar notas, tirei da cadeira a toalha, que estava seca, mesmo quente e dura, como se fôsse passada a ferro! Assim ficou em poucos minutos.

Na excursão encontrei à beira da estrada um boi que tinha caído morto na véspera; não apresentava indícios de princípio de "putrefação, nem os urubus, sempre assíduos" para devorar as carniças, apareceram. Não pela ausência, pois um pedaço de carne lançado pela janela foi minutos depois agarrado por um urubu. O boi secou.

No caminho do Piauí passei por um cavalo encostado ao aceiro do matop; estava seco e todo achatado, era uma perfeita múmia.

Êstes fatos são inteiramente banais, encontram-se cotidianamente em toda parte e por isso ninguém lhes presta atenção.

No entanto o dia a que me refiro proporcionou-me a oportunidade de fazer a observação da mais transcendente importância que fiz durante todas as minhas viagens.

O termômetro e o pote pela "água fresca" que continha, constituíram um psicrômetro.

Vamos analisar as conseqüências dos fatos observados:

A elevada temperatura do ar o rarefaz, torna-o mais leve, ela tenta subir às regiões mais elevadas. Êsse ar quente, ainda que trazido pelo vento depois de ter-se impregnado de partículas de água do mar, cujas ondas êle produzia e varria, já levava daí umidade.

Na superfície do solo, com temperatura, nos lugares descobertos, superior a 60 graus, ainda mais se aquecia, acarretando também a umidade que do subsolo sem interrupção subia pela ação da capilaridade no terreno poroso, para ser logo transformada em vapor.

A conseqüência é um dessecamento permanente do terreno, e se as chuvas não caem a tempo e a miúdo o esgotamento das águas irá atingindo maiores profundidades.

As tentativas de irrigação que se tentem com extração do lençol da água subterrânea devem ser feitas com cautela, precedendo estudos sobre a profundidade em que se encontra êsse lençol e verificar as oscilações de sua superfície, para mais

ou menos, a fim de reconhecer se não há corrente de infiltração subterrânea para o mar; o que é fácil dar-se em terrenos de aluvião e arenosos; e o que se observa em cacimbas à beira das praias do Ceará; exemplo o Aquiraz, contendo água doce que repele a salgada, tendente a infiltrar para o terreno.

Ê, pois, um estudo indispensável.

Há no Ceará árvores que zombam das secas; citarei de preferência uma — o juazeiro (*Zyzi-phus*).

Esta árvore cresce abundante em todo o norte e não é muito exigente.

A mais de meia altura de uma serra pedregosa, perto da vila de São Francisco, em princípios de dezembro, na fôrça da seca anual, avistei em meio de uma mata completamente desfolhada uma árvore com bela copa verde-esmeralda, ostentando um viço, incompreensível naquelas paragens de aspecto desolador.

Era um juazeiro! Necessariamente as suas raízes penetravam até considerável profundidade pelas frestas do rochedo, mesmo alargando-as, o que raízes bem pouco consistentes conseguem, do que freqüentemente vemos o exemplo de figueiras bravas rebentando muros velhos em que crescem.

O juazeiro não é madeira má, boa lenha e a rama é muito apreciada pelo gado, tanto que êste espalhado pela mata de arvoredos secos em aparência, logo que ouve bater o machado acode de todos os lados em carreira, na esperança de encontrar um vaqueiro derrubando galhos de juazeiro para lhes proporcionar uma ração de rama com que mitigue a fome.

Outra árvore que também dá forragem é uma "cássia canafístula", porém esta já é mais exigente quanto a terreno, nem é igual como forragem.

As beiradas de rios, mesmo quando secos, são bordadas de soberbos oiticicas (moquilha), que com a sua sombra protegem o solo contra o aquecimento, com o que dificultam algum tanto a evaporação, e sobretudo dificultando a ascensão da umidade existente no subsolo, se êsse nome se pode dar ao terreno areento e formado de pedrinhas, que imperceptivelmente formam a transição para a rocha.

No Ceará, à sombra das árvores, na superfície do terreno, o termômetro regula por 36 graus c.; um metro fora da sombra, um a dois centímetros abaixo da superfície do solo, marca 63 graus e mais, com o sol quente.

A mesma coisa observei nas areias do Rio de Janeiro, com a diferença que o termômetro mantinha-se abaixo de 60 graus, entre 50 e 54 graus.

Quando na última vez estive no Ceará recebi o convite do meu distinto colega Dr. Ernesto Lassance da Cunha, para visitar a estrada de ferro de Baturité, o que penhorado aceitei.

Paramos numa colônia orfanológica da "Canafístula", onde os asilados eram bem tratados e faziam lenha para alimentar as locomotivas. Disseram-me que essa colônia era considerada agrícola.

Lembrei-me de aconselhar ao presidente da província de mandar ensaiar ali a cultura do juazeiro, plantando todos os anos algumas centenas de árvores, para não escabriar a autoridade, fui modesto na proposta.

Apoiava-me nas numerosas experiências adquiridas com destruição de florestas por um lado e os resultados do replantio por outro; citarei de passagem alguns exemplos:

1.º A ilha Maurícia, que nas Índias Orientais era qualificada a Pérola do Pacífico, para onde se mandavam convalescer os doentes do Indostão.

Nesse verdadeiro paraíso assentou o pé o comércio, que declarou inútil para a prosperidade pública a matéria que vestia as montanhas. Como era condição para produzir dinheiro, o machado cumpriu à risca sua missão.

Eram as faldas dessas montanhas banhadas por alguns riachos de água límpida e corrente.

Não tardou êsses riachos sentirem os efeitos da exigência mercantil: as correntes secaram, ficaram apenas poças de águas estagnadas, e febres de mau caráter invadiram o paraíso dos convalescentes!

Tendo sido nomeado para essa ilha um governador que não se achava saturado da política como o presidente a quem cometi o erro de dar conselhos, êsse governador, logo no primeiro ano, mandou plantar nas montanhas 800.000 mudas de árvores. Começou então a enxada a combater o mal devido ao machado e anualmente abria covas para maior plantação de arvoredos; só no ano imediato, 1872, 150.000 covas receberam mudas.

E após três anos, as águas corriam de novo nos seus antigos leitos; a salubridade foi dignamente recebida e a Pérola resplandeceu restaurada com um novo brilho.

Bastou a destruição de 16.000 hectares (1/6 de toda a superfície da ilha) de matas destinadas à cultura de cana nos 10 anos, 1852 a 1864, para tornar-se a ilha pestífera, a ponto de trabalhadores morrerem aos milhares, caindo alguns mesmo no campo, apesar dos recursos médicos.

As sêcas, antes ali desconhecidas, também se apresentavam devastadoras.

2.º Outro exemplo nos dá a ilha de Santa Helena, no Atlântico, a qual recebia água potável do Cabo da Boa Esperança. Com esforços inteligentes conseguiu-se cultivar arvoredos tropicais, até goiabeiras, e atualmente podem suprir de água aos navios.

3.º Notáveis são as observações de Humboldt sobre os lagos de Tacuriguá, no vale do Araguaá, comparadas com observações, muito posterior-

res, de Moussingault. Êste verificou que um lago em Nova Granada, com 10 léguas de comprimento e três de largura, em dois séculos, ficou reduzido, respectivamente, a meia e a uma légua em consequência da devastação das matas.

Não faço mais citações porque já vejo notabilidades me ridicularizarem por atribuírem ao procedimento do governador da Maurícia um ato de administrador criterioso e enérgico, — que assim agia por causa do medo que êle tinha de sucumbir às febres, etc., etc.

Agora passarei a mencionar medidas que convêm pôr em prática, devendo-se começar sem espalhato e grande entusiasmo, que, como já citei, um dos numerosíssimos que se manifestaram, depressa arrefecerá; é preciso calma e perseverança.

A arborização deve ser ensaiada em vista do resultado. Continue-se, sendo favorável; do contrário, trate-se de indagar a causa do malôgro e removê-lo. Conseguindo-se sombrear o terreno, o primeiro efeito será evitar a total dessecação do solo pelo vento permanente durante o dia; caso se consiga orvalho, já é um grande benefício.

Nos anos chuvosos, deve-se procurar arborizar os morrotes.

Ao mesmo tempo é indispensável estabelecer depósitos de mantimentos (cereais) em diversos pontos, incitando o povo a cultivar a maior parte de cereais que fôr possível, para ter sobras destinadas aos depósitos, que devem servir para consumo durante as sêcas.

Já vejo, também, uma vaia que se levanta contra mim, aconselhando o impossível, pois, ninguém ignora que o inexorável bicho destrói todo grão, seja feijão, milho ou arroz, etc.

Concordo; pois já fui vítima do bicho, quando, em 1859, mandei reservar em Quixeramobim milho para os animais de sela e carga; tive, porém, de me demorar mais tempo do que esperava na capital. Quando cheguei a Quixeramobim, em vez do milho encontrei um pó fino, impréstável, que o moinho não teria feito melhor.

Mais tarde, precisei fazer sortimento, aqui, na província do Rio de Janeiro, de feijão; êsse já costumava trazer o bicho do campo, desenvolvendo-se quando recolhido; mandei fazer uma tulha de fôlha e ferro para conter 20 sacos, tendo ela uma porta corrediça no fundo e no alto uma tampa que fechava hermêticamente. Depois de cheia a tulha lancei no fundo, por um tubo, 1/4 de litro de sulfureto de carbono *puro*, em seguida despejei dentro cêrca de 10 litros de feijão completamente bichado, o que levou os circunstantes, trabalhadores e pequenos lavradores, a exclamações de censura ao meu procedimento. Todos protestaram que eu não salvaria um caroço de feijão.

Correu o tempo; diariamente se abria a portinhola corrediça para tirar por *medida* a quantidade para o gasto. Não havia cheiro de sulfureto, nem aparecia bicho.

Quando só restavam dois sacos, mandei anunciar que ia esvaziar o depósito.

Apanhei todo o feijão que restava em uma peneira, pela qual caíam asas, pernas, cabeças e mais fragmentos dos defuntos bichos (gorgulhos ou carunchos).

Quando os meus censores examinaram o feijão na peneira, declararam *que o feijão tinha se consertado*, pois não se encontrava um só grão bichado, o que é natural, porque a pequena porção se foi misturando com a grande quantidade e caberia um grão bichado para mais de 100 sãos.

E por que não se adotará no Ceará êsse processo?

Tulhas de 100 sacos contendo, portanto, 8.000 litros, não são inacessíveis a pequenas famílias; correspondem a uma caixa formada com seis quadros de dois metros de lado, ou em uma tülha cilíndrica, com o diâmetro de quatro metros e altura de 0,3 m dá para 40.000 litros ou 500 sacos.

Para centros de povoados, podem ser os depósitos de alvenaria revestidos internamente com cimento, sem deixar a mínima fresta, e as portinholas como escotilhas de navios.

Êsses depósitos se encherão depois de estarem bem secos os cereais que se depositam, e mesmo depois das chuvas não há risco de penetrar umidade.

No ano seguinte, depois da colheita, se esvaziam os depósitos para consumo a fim de serem cheios com a colheita nova.

E' óbvio que se deverá estabelecer regras para garantir aos contribuintes a restituição do que lhes pertence, não se descuidando de depósitos de reservas para qualquer eventualidade.

Convém aos que enxergam dificuldades em ser previdentes e que porventura qualifiquem o que *aconselho de bobagem científica* fiquem sabendo que essa medida não são sonhos meus; apenas relato exemplos como o da Rússia, que tem grandes depósitos de mantimentos em todos os pontos por onde tenha de mover tropas.

Lá vai outro exemplo que mais quadra às nossas circunstâncias.

Quando estudante, em uma viagem de férias fui visitar um engenheiro meu conhecido na Silésia Prussiana; êle levou-me à Polônia também prussiana, onde me apresentou a um tipo original, um rico proprietário de muitas terras, com grande número de aldeias bem povoadas. Êste senhor feudal chamava-se Gudula e morava em um casebre de campônio.

A pouca distância possuía um esplêndido palácio mobiliado por marceneiros, tapeceiros, etc., os mais reputados de Berlim. Quando êle quis mudar-se para lá, uma velha lhe disse que êle morria; então continuou a residir na sua modesta choupana.

Êste, quando menino, era servente em uma modesta mina de carvão, onde às vêzes experimentava alguma calabrotada. Êle economizou os seus salários, e com êles ia adquirindo lotes de terreno carbonífero, que eram baratíssimos, porque o carvão não tinha consumo apreciável.

Projitou-se depois o caminho de ferro; Gudula entrou a trabalhar com seus companheiros comprando sempre novas datas minerais, e em pouco tempo ajuntou fortuna. Na opulência era ainda analfabeto.

Pelo ano de 1846 manifestou-se uma sêca desastrosa, falhando colheitas; eu presenciei a agonia de uma mulher deitada ao lado da estrada, estrebuchando, lançando pela bôca uma gosma espessa misturada com capim; meu companheiro disse-me que nesse estado já não havia salvação possível.

Mais adiante encontramos um homem morto!

O Governo tomou providências; comissários percorriam o país requisitando dos fazendeiros seus armazéns para receberem mantimentos com o fim de serem distribuídos pelos famintos.

Ao chegar a comissão à casa de Gudula êle respondeu: "meus armazéns estão repletos". O comissário retorquiu: — Como deixa gente morrer de fome?

A resposta foi: "Nas minhas terras ninguém morre de fome; meus agregados têm mantimentos com fartura, e ao preço dos anos mais favorecidos; só morre gente onde vocês, fazedores de leis, se intrometem".

Quanto a leis êle tinha noção especial:

Como grande proprietário, êle era investido de atribuições policiais. Uma vez apresentou-se-lhe o magistrado do distrito em correição para tomar conhecimento do seu procedimento, e exigiu o arquivo. A resposta que teve foi: — Isso é coisa que aqui não se usa. — Então não há crimes aqui? — Há. — E não se punem? — Sim, senhor; um dia na semana dou audiências, meus guardas vão trazendo os presos e relatam o motivo da prisão; eu digo apenas 25, ou 50, ou 100, conforme a gravidade do delito a sentença é imediatamente executada, o réu segue para o seu trabalho. — Mas isso é contra lei. — Qual lei, Sr. magistrado, percorra os meus domínios, não encontrará um criminoso, o que não acontece nos distritos em que dominam as leis; os furtos, bordoadas, bebedeiras, aí são freqüentes.

No Ceará, segundo me contaram, no tempo dos capitães-mores vigorava êsse sistema. Hoje consta que é patrocinado pela política, com outra aplicação.

Referem um fato que caracteriza Gudula: O Rei da Prússia por curiosidade foi visitá-lo e perguntou-lhe: "Me empresta dois milhões?" — Sim, senhor; quem é seu fiador? — Pois teu rei precisa de fiança? — A isto sua Majestade teve a resposta: — Dinheiro não tem rei.

Para nós seria uma vantagem se possuísssemos alguns *Gudulas* não políticos.

Resta-nos ainda dizer alguma coisa sobre o gado. Este é uma das principais riquezas do Ceará, tem abundância de pastos de excelentes forragens, que muito e bom feno produzem: *Panasco* e *Mimoso* são os que mais abundam.

O *Panasco* é fino, cresce nos tabuleiros de areia; sendo prolongado o inverno perfilha novamente, resiste às ventanias e a pé de gado; a *Gordura na sopa* da carne das reses que dêle se nutrem, ao *esfriar coalha*, o *sebo do rim* é quebradiço.

O *Agreste* tem as mesmas propriedades.

O *Mimoso* cresce melhor na sombra dos *Sabiás*, dos *Juremas* (*Mimosas*), a *gordura na sopa* da carne proveniente dêle ao *esfriar não coalha* e é amarela; o *sebo do rim* é mole como pomada.

Agreste da serra do Araripe cresce nos morros, dá menos leite, com bastante nata, que coalha em três dias.

Milhã há três qualidades: o branco, que produz gordura como o *Mimoso*, é o melhor; e o amarelo quando flora é todo encarnado.

Os capins não se misturam, respeitam os domínios uns dos outros.

No terreno de *Massapá* cresce *Mimoso* e *Milhã*, o *Panasco* ali não se encontra, o gado que nesse terreno pasta produz leite com muita nata.

Em terreno salitrado o gado desenvolve-se notavelmente.

A propósito menciono um fato importante. Nas serras da Imperatriz há fontes muito acen-tuadamente salgadas. E em Sobral, em tempo de sêca, avistei à beira do rio Acaracu uma pedra branca que me chamou a atenção e fiquei surpreendido encontrando em uma rocha granítica, que no inverno ficava submergida, lavada por aguadores, uma eflorescência de *Sal comum* (cloreto de sódio).

Nos terrenos de barro vermelho nasce o *Ver-melho*, que também é boa forragem.

Entre as plantas que o gado procura há uma *Acautácea* das serras que influi sobre a qualidade da carne e côr do sebo.

Mororó (*Bauhinia*) produz abundante leite com muita nata e excelente coalhada consistente.

Essa enumeração de valiosos recursos indica quanto a atividade do homem escasseia naquela terra não os esgotando.

Forneci a pessoa conspícua e muito interes-sada pelos melhoramentos da província alfanjes para corte do capim destinado à preparação do feno, tendo mesmo adquirido uma pequena propriedade perto de Quixeramobim que pus à disposição dos meus comboceiros; pedi que a êsses se remetessem os alfanjes com as devidas instruções. Não chegaram ao seu destino nem alhures foram aproveitados!

Quem no outono viaja pela Europa tem oca-sião de observar em muitos campos as *Medas* de feno; cones de considerável altura, com uma vara no centro, em torno da qual são arrumadas as camadas de feno, sobrepostas umas às outras, formando maciços com diâmetro de alguns metros na base, diminuindo até o vértice, sendo as camadas exteriores estabelecidas de modo a formar uma cobertura como as casas de sapé dos nossos campônios.

Por essa forma não seria perdida e estragada a grande quantidade de capim que a terra espontâneamente produz. O povo que não tem o trabalho de cultivá-lo, ao menos ocupe-se a aproveitá-lo, dando alimento ao gado que se conservaria próximo às habitações em vez de espalhar-se pelos espinhais, esgotar grande atividade do homem, expondo-o ainda a fraturar braços e pernas.

Dêste modo nutria sua criação durante tôda a sêca e teria leite com abundância, não só para o consumo, como para exportação em manteiga e queijos, que só prepara no inverno. Ouanto à água, me informaram que, por cabeça, basta ao boi uma quarta (ali nove litros) por dia.

Do gado, nessas condições, se poderia fazer seleção para aperfeicoar a raça que, por atavismo, não raro é verdadeira reprodução dos tipos primitivos; sobretudo em cavalos apresentam-se, às vezes, alguns que fazem lembrar os garanhões das coudelarias de Alter, para aqui importados nos tempos coloniais; infelizmente, a incúria dos proprietários permite aos vaqueiros inutilizar os pol-dros que ostentam as suas qualidades superiores, a fim de os utilizar para *pegar boi*! Esses animais são, em geral, de admirável docilidade, muito inteligentes e resistentes à fadiga, e bem mereciam a restauração do tipo primitivo.

Creio que as indicações que apresento podem merecer alguma consideração.

Mostrei como em outros países se têm tomado medidas para enfrentar calamidades com que se deve contar.

E' indispensável animar a iniciativa do novo; a princípio, é conveniente que êle seja auxiliado, que se lhe mostrem com fatos os resultados que êle deve atingir; aquilo que êle vê, o convence: o que só dificilmente se conseguirá com instruções, receitas, etc.

Não se deve habituá-lo a tudo esperar do go-vêrno; êste tem por dever cuidar de outros melho-ramentos, como seja promover a arborização, lem-brando-se, porém, que isso depende de ensaios para firmar um procedimento eficaz; uns lugares se prestam mais que outros, torna-se necessário adaptar processos às diversas condições locais em relação à posição, terreno e clima.

Uma vez conseguida a arborização, são neces-sárias leis para garantir a sua conservação e o seu aproveitamento, a fim de que com abusos não se prejudiquem.

Quanto a efeitos das sêcas devem-se tomar providências para aumentar nos anos normais a produção de cereais e manter as necessárias reservas.

Isto, também, exigirá no começo algum auxílio dos poderes públicos, e também medidas para evitar as especulações, e sobretudo para impedir que depósitos feitos por particulares sejam violados.

Seria mesmo desejável que nos municípios, até nas freguesias, se ligassem os proprietários rurais para, de comum acôrdo, criarem os recursos necessários para atravessar os anos calamitosos.

Não é só para abrigar o homem contra o perigo que ameaça a sua vida, mas também a sua propriedade animada, que é a fortuna de uma grande maioria.

Já mencionei a riqueza de forragem que fica à mercê da Providência.

As sobras, o que o gado deixa, passado o inverno, vão-se desvalorizando; o que êle consome durante o quente, cada dia perde de sua força nutritiva e para o fim, tornando-se quebradiço, é varrido pelo vento e levado pelas primeiras chuvas.

Quem não está acostumado a armazenar a forragem, encontrará obstáculos a fazê-lo, sobretudo da parte dos campeiros e vaqueiros que não aprovam o abandono de seus hábitos seculares.

Há necessidade de se lhes mostrar as vantagens da preparação da forragem, sua conservação, quer no campo, em medas, quer em ranchos cobertos, bem como o seu estado de umidade, admissível até certo ponto, que exige compressão para evitar o mofô; enfeixar o feno completamente sêco, não convém porque é menos nutritivo.

São isto detalhes que se mostram e não se explicam por ser infinitamente mais compreensível o que se vê: muita coisa há que se aprende e não se ensina.

Confesso que foi com alguma relutância que lancei mão da pena, porque pela longa experiência que tenho arrisco perder meu tempo, sendo qualificado de utopista por gente que leu muito mais livros do que eu, inventando interpretações extravagantes.

Notável exemplo tenho, mesmo a respeito do Ceará: quando uns Americanos se propuseram a abrir poços artesianos em terreno granítico, que eu conhecia, fui abelhudo em dizer ao Ministro que essa tentativa era um absurdo; lhe expliquei por que; S. Ex.^a respondeu-me que as teorias modernas provam o contrário, ensinando que as rochas compactas encerram cavidades, contendo água — Magister dixit — e curvei-me ante sua autoridade.

Proposições há a que se não responde. E tanto mais estou exposto à contradita por ter a

memória muito enfraquecida, e dos meus apontamentos desencaminhados só encontrei um ou outro fragmento para me auxiliar.

Ocupei-me, contudo, do Ceará, que conheci em 1860, porque em 1884 encontrei pouca diferença relativa ao assunto de que tratei.

Dar-me-ei por bem recompensado se encontrar alguma alma criteriosa que me compreenda: oxalá algum guarda.

Capanema".

TERCEIRA PARTE

CONCLUSÕES

a) "A Sêca do Norte", de autoria do engenheiro Guilherme Schüch, barão de Capanema, contém observações, análises e sugestões dignas da atenção do Primeiro Congresso Brasileiro dos Profissionais de Nível Universitário Superior;

b) A solução do problema das sêcas no Nordeste, na conformidade das sugestões do sábio mineiro, envolve concomitantemente o trabalho de todos os profissionais de nível universitário superior;

c) O desprezo pelos poderes públicos ao técnico brasileiro é um fato historicamente comprovado, como justifiquei cabalmente com o presente trabalho;

d) Não devemos permitir que êsse erro perdure e só há um meio de o conseguirmos: a união cada vez maior de todos os profissionais de nível universitário superior, com propósitos firmes e bem definidos a fim de não sermos mal-interpretados;

e) Trabalhos isolados, embora meritórios, descambam para o terreno estático da literatura de gabinete, sempre que não consultem aos interesses relacionados com os vícios decorrentes da trilogia em consequência da qual o Brasil foi condenado ao suplício de Tântalo;

f) Há necessidade imperiosa de dispormos de um meio de pugnarmos com dinamismo e harmonia no âmbito nacional pela execução das soluções concretas em assembleias, julgadas úteis ao progresso do Brasil e ao respeito à dignidade de nossas profissões;

g) Não conseguindo isto, estaremos desmoralizados e será inexpressivo o nosso Congresso e sem fundamento sério à nossa união.

Rio de Janeiro, 28 de julho de 1951.

QUARTA PARTE — BIBLIOGRAFIA

HENRIQUE HANDELMANN — História do Brasil, tradução pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1931.

JOÃO RIBEIRO — História do Brasil, 1901.

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA — O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação, publicação oficial em 1934.

MANOEL BOMFIM — A América Latina.